

PHILOSOPHIAM LATINIS LITTERIS ILLUSTRARE: A DISCUSSÃO SOBRE O TRATAMENTO DA FILOSOFIA EM LATIM NAS OBRAS DE LUCRÉCIO E CÍCERO¹

Sidney Calheiros de Lima

Universidade de São Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3240-9084>

sidneycalheiros@gmail.com

RESUMO

No âmbito da recepção da filosofia grega na Roma do século I a.C., destacam-se as obras de dois autores: Lucrécio e Cícero. Acreditando que o estudo dos temas comuns que ocorrem nos textos dos referidos autores pode contribuir para uma compreensão mais profunda da recepção da filosofia nesse contexto histórico particular, em que ambos parecem preocupados com encontrar um lugar para a filosofia na cultura romana, investigamos o modo como cada um deles discute a questão do uso do latim no tratamento de matéria filosófica. Estudamos, então, por um lado, o motivo da *egestas* da língua latina em Lucrécio, tentando mostrar de que modo o poeta o mobiliza em favor da construção da figura do *magister* como alguém fortemente comprometido com a comunicação da doutrina que expõe. Abordamos, por outro lado, a defesa da riqueza do latim em Cícero (causa frequente nas obras do autor, que diz encampá-la contra a opinião de muitos), dando destaque para as reflexões do autor a respeito da tradução, relacionadas, ademais, ao projeto educacional que defende.

Palavras-chave: Filosofia; literatura latina; Lucrécio; Cícero.

ABSTRACT

Considering the reception of Greek philosophy in Rome, in the 1st century BC, two authors stand out: Lucretius and Cicero. Believing that the study of common themes that occur in the texts of these authors can contribute to a deeper understanding of the reception of philosophy in this particular historical context, in which both seem concerned with finding a place for philosophy in Roman culture, we investigate how they address the issue of the use of Latin in the treatment of philosophy. On the one hand, we study the theme of the *egestas* of the Latin language in Lucretius, trying to show how the poet uses it in favor of constructing the figure of the *magister* as someone strongly committed to communicating the doctrine he expounds. We address, on the other hand, the defense of the richness of Latin in Cicero (a frequent cause in his

¹ Gostaria de agradecer aos editores da Revista *Phaos*, que conduziram de modo tão competente e cordial o processo de edição deste artigo, e também aos pareceristas, que trouxeram importantes contribuições para a versão final do texto.

works, which the author claims to defend against the opinion of many), highlighting the author's reflections regarding translation, related, as they are, to the educational project that he embraces.
Keywords: Philosophy; Latin literature; Lucretius; Cicero.

Nos livros III e IV do *De finibus bonorum et malorum* de Cícero, obra de 45 a.C., representa-se um diálogo sobre a filosofia moral dos estoicos. As personagens, Cícero e Catão, o jovem, discutem na biblioteca de uma *uilla* em Túsculo. Encerrado o discurso do expositor do estoicismo, Catão (o qual se iniciara, vale dizer, depois de uma reflexão das duas personagens a respeito da difícil terminologia estoica e, por conseguinte, da difícil tarefa de tratar do pensamento dessa escola em latim), a personagem Cícero reconhece a qualidade da exposição de seu interlocutor com a seguinte consideração:

Muito bem, Catão, – disse eu – você se serve de palavras brilhantes (*illustribus*) e que declaram o que você deseja! De tal modo que me parece ensinar a filosofia a falar latim e lhe conceder, por assim dizer, cidadania romana; ela que, até hoje, parecia estar em Roma como estrangeira e não se prestar às nossas conversações (CÍCERO, *Fin.* III, 40).²

O comentário sintetiza algumas das preocupações que norteiam Cícero em seu projeto filosófico. A prosopopeia, que caracteriza a filosofia como uma espécie de estrangeira em Roma, aponta o caráter fundamental do uso da língua latina para a efetiva introdução da filosofia na vida intelectual romana (cf. *nostris sermonibus*), que se constitui, além do mais, como um elemento que garante um lugar na *Vrbs* para esse saber importado. A ideia de *ciuitas*, cidadania, sugere a contribuição que a filosofia poderia exercer na organização política.³ Alain Michel (1960, p. 23-26) já chamava a atenção para essa característica de alguns diálogos ciceronianos, em que o expositor age de modo

² *Ne tu, inquam, Cato, uerbis illustribus et id, quod uis, declarantibus! itaque mihi uideris Latine docere philosophiam et ei quasi ciuitatem dare. quae quidem adhuc peregrinari Romae uidebatur nec offerre sese nostris sermonibus.* Quanto ao sintagma *Latine docere philosophiam*, há tradutores que optam por uma interpretação diferente e pensam em algo como “ensinar a filosofia em latim” (veja-se, por exemplo, Merklin, 1989, p. 281). A opção que seguimos, adotada por diversos tradutores, defende que a sugestiva prosopopeia, em que a filosofia é vista como uma estrangeira (evidente a partir do verbo *peregrinari*), inicia-se já com a expressão *Latine docere*.

³ Trata-se de um *tópos* recorrente nas obras de Cícero, a defesa da *grauitas* da filosofia e da sua utilidade na formação dos cidadãos e na organização das cidades. No *De finibus*, note-se a apologia que se encontra no prefácio geral da obra, em especial o argumento expresso em *Fin.* I, 10-12. Vale lembrar ainda que a situação mimética do segundo diálogo (livros III e IV) dispõe na cena Cícero e Catão preocupados com a formação intelectual e política do jovem Luculo, herdeiro da biblioteca em que a discussão tem lugar. Ao longo de toda obra, além do mais, Cícero expressa uma inquietação, que é utilizada em argumentos com os quais refuta as doutrinas que são estudadas, relacionada à adequação da expressão filosófica ao discurso político e jurídico da cidade.

análogo ao *patronus* que, no contexto público, defende, em Roma, a causa de uma comunidade não romana.⁴ Destaque-se, nesse sentido, o costume de usar, como personagens nos diálogos, não autoridades gregas, como as que Cícero frequentou em Atenas, em Rodes e mesmo em Roma, mas cidadãos romanos participantes da elite governante da cidade, muitos com notável atuação na gestão da *res publica*.

De todo modo, temos de levar em consideração que a preocupação com o uso da língua latina para o tratamento da filosofia não surge como uma questão importante apenas na obra de Cícero. Parece ter sido um relevante tópico de debate no cenário cultural da Roma do século I a.C.⁵. Comparece, por exemplo, na obra de Lucrécio, contemporâneo de Cícero e responsável por uma das primeiras exposições conhecidas de filosofia em latim. No *De rerum natura*, anterior ao *De finibus*, ao que tudo indica, em mais ou menos uma década, também encontramos reflexões sobre o tratamento incipiente da filosofia em latim, sobre a pertinência do uso da língua dos romanos para lidar com a matéria filosófica, relacionadas, como em Cícero, ao debate sobre o estatuto da filosofia na cidade.⁶

Deve estar claro que a discussão que desenvolvemos neste artigo pertence a uma reflexão mais ampla, a qual lida com a recepção da filosofia grega na Roma no século I a.C., período em que se estão produzindo as primeiras

⁴ O *patronus* é alguém que empresta sua autoridade em favor da defesa da causa de outrem. É aquele que fala em nome de um *cliens* que, por vezes, na condição de réu, já perdeu um pouco de sua dignidade de cidadão. Um uso mais antigo desse termo, contemplado por Cícero em alguns textos (cf. Michel, 1960, p. 22-23; p. 28 e p. 36), indica o patrício que, diante do senado romano, defende os interesses de habitantes de municípios e províncias romanas. Nesses casos, o orador, cidadão romano, empresta sua *dignitas* e sua *auctoritas* para garantir que seus *clientes* provincianos obtenham o privilégio da justiça romana.

⁵ Em primeiro lugar, leve-se em conta que a questão aparece em diversas passagens da obra de Cícero. Muitas vezes ocorre nos proêmios, em que o autor justamente faz apologia do trabalho que realiza. Além disso, note-se que, preocupado como é com a verossimilhança nas composições, o autor atribui a personagens como Varrão e Ático, por exemplo, certa suspeita com relação à pertinência de se escrever em latim sobre filosofia grega. Em algumas passagens, as personagens se surpreendem, como que dando o braço a torcer, com a qualidade das exposições que ouvem. É o que faz Ático, por exemplo, em *Fin.* V, 96. Com relação a Lucrécio, mesmo reconhecendo a dimensão retórica do uso do tema da *egestas* da língua latina, como discutiremos mais adiante, não podemos deixar de notar que o argumento não faria sentido, conforme pensa Barnaby Taylor, se o tema da pobreza do latim não contasse com certa difusão pública na época em que Lucrécio compôs sua obra, de modo a parecer ao menos plausível aos leitores aos quais ele se dirige (Taylor, 2020, p. 3). Taylor, ademais, elenca algumas críticas feitas por autores antigos a deficiências do latim em comparação com o grego (Taylor, 2020, p. 5-6).

⁶ Há quem defenda, como faz Colman em seu estudo sobre o pensamento político de Lucrécio (Colman, 2012, p. 95 e 115), que a principal preocupação do *magister* do *De rerum natura* não consiste na conversão do interlocutor, ou do leitor em geral, ao epicurismo, mas, na verdade, em assegurar um lugar para a filosofia em Roma.

exposições sistemáticas, as primeiras discussões mais extensas em latim. É verdade que temas e motivos tomados da filosofia grega estão presentes na literatura latina conhecida desde o início do século II a.C. Há uma ou outra ideia tratada em Lucílio, por exemplo⁷. Sabemos que o poeta Ênio também lidou com temas da filosofia, relacionados, por exemplo, ao pensamento de Pitágoras e de outros expoentes.⁸ Talvez remontem também ao século II a.C. algumas exposições do pensamento epicurista, de que temos notícia: obras como as de Amafinio e de Rabírio, criticados por Cícero em mais de uma passagem.⁹ Com relação à atividade filosófica desenvolvida no século I a.C., o mesmo Cícero nos dá testemunho, em 45 a.C., de que uma obra composta por Bruto, um *De uirtute*, que lhe foi dedicado, serviu de estímulo para sua atividade literária em filosofia.¹⁰ Seja como for, dentre os textos do período republicano que de fato conhecemos, por terem sido preservados, aqueles que lidam de modo extenso e detalhado com matéria filosófica, que propõem exposições e refutações de doutrinas e mesmo de sistemas filosóficos gregos, são as obras de Lucrécio e Cícero.

Cícero foi um importante homem público, de notável atividade política no conturbado século I a.C. Atuou publicamente nesse período marcado pela erosão do regime republicano. Além da atividade jurídica, seguiu carreira política, tendo exercido diversas magistraturas, dentre as quais o consulado, que ocupou no ano de 63 a.C. Conhecido especialmente por seus discursos judiciais e políticos, compôs vasta obra filosófica, à qual se dedicou especialmente em dois períodos de intensa atividade literária. Um primeiro, entre 55 e 51 a.C.,¹¹ um segundo de 46 a 43 a.C.,¹² ano em que foi assassinado, em meio às perseguições empreendidas pelo regime dos triúmviros. É muito

⁷ Boyancé, 1963, p. 7-8.

⁸ Gale (1994, p. 77) se refere a um texto, talvez escrito em prosa, em que Ênio tratava do pensamento de Evêmero de Messina sobre os deuses, ao qual, aliás, segundo Cícero, ele aderiria (cf. Cic. *ND*, 1, 119).

⁹ Há muita discussão a respeito da datação dos textos de Rabírio e Amafinio. Há quem defenda uma composição bem mais tardia: as primeiras décadas do século I a.C., ou até mesmo uma data ainda mais próxima da atividade de Lucrécio e Cícero. Na obra de Cícero, há referência também a um certo Cátio, que esteve ativo no século I a.C. Não entraremos na discussão sobre o período de atividade desses autores. Sobre essa questão, veja-se a argumentação de Boyancé (1963, p. 8-12).

¹⁰ (...) *quamquam a te ipso id quidem facio prouocatus gratissimo mihi libro, quem ad me de uirtute misisti* (CÍCERO, *Fin.* 1, 7).

¹¹ É dessa época a composição do *De oratore*, do *De re publica* e do *De legibus* (Powell, 1995, p. xiii-xiv).

¹² Esse segundo período é marcado pela composição do *Brutus* e do *Orator*, dentre as obras teóricas sobre retórica, mas também por uma série de tratados que lidam com questões filosóficas menos diretamente ligadas à esfera de atuação pública. Dentre esses, destacam-se, por exemplo, a *Academica*, o *De finibus*, o *De natura deorum* (Powell, 1995, p. xiv-xvi).

provável que tenha conhecido o poema de Lucrécio, essa grandiloquente exposição da física de Epicuro, que designamos como *De rerum natura*, já que faz menção elogiosa aos *Lucreti poemata* em uma carta endereçada ao irmão, Quinto, datada de 54 a.C.:

Os excertos poéticos¹³ de Lucrécio são assim como você escreve, contêm muitas luzes providas do engenho; e, todavia, muita arte. Por outro lado, quando você estiver por aqui, considerarei que você é um herói, caso leia os *Empedoclea* de Salústio, mas não considerarei que é humano (CÍCERO, *Epistulae ad Quintum fratrem* II, 10, 3).¹⁴

Essa carta tem sido utilizada pelos estudiosos para tentar estabelecer a data da publicação do poema e da morte de Lucrécio.¹⁵ Mas, se de fato teve contato com o poema de Lucrécio, em suas obras voltadas para a publicação,¹⁶ Cícero jamais cita o *De rerum natura* e não faz nenhuma menção nominal a Lucrécio. O silêncio de Cícero a respeito de Lucrécio é de fato surpreendente (e já foi objeto de muita discussão entre os estudiosos). Em face do testemunho da correspondência, é especialmente curioso que o poema não compareça na obra filosófica de Cícero, se levarmos em consideração a crítica recorrente que o autor faz a uma literatura epicurista que considera de baixa qualidade. Em contraste, note-se que na carta referida ele reconhece os *lumina* devidos ao *ingenium* de Lucrécio e também a sua *ars*. Observe-se ainda, por outro lado, que Cícero está familiarizado com essa vertente mais aristocrática do epicurismo romano, de que Lucrécio pode ser representante, a qual angariou seguidores comprometidos com as artes liberais, com a retórica, com a poesia.

¹³ O termo *poemata* é objeto de discussão entre os estudiosos, que debatem, a partir dele, inclusive sobre a extensão do conhecimento que teve Cícero do poema de Lucrécio.

¹⁴ Cícero, *Epistulae ad Quintum Fratrem* II, 10, 3: *Lucreti poemata ut scribis ita sunt, multis luminibus ingeni, multae tamen artis. sed cum ueneris uirum te putabo si Sallusti Empedoclea legeris; hominem non putabo*. Consultamos o texto de Bailey (1980), mas seguimos a pontuação defendida por Sedley, que é, na verdade, resultado do restabelecimento da pontuação anterior à correção proposta por Tyrell em 1886 (cf. Sedley, 1998, p. 2). Não se considera, portanto, que haja interrupção e reticências depois de *sed cum ueneris*.

¹⁵ A carta é normalmente contraposta a um outro texto: uma controversa passagem das *Crônicas* de Jerônimo de Estridão, que faz menção a eventos da vida e às circunstâncias da morte de Lucrécio e que sugere que Cícero se ocupou do texto daquele. O termo utilizado por Jerônimo, *emendauit*, pode indicar a preparação do material e a submissão dos escritos ao trabalho de copistas. Sobre toda essa questão, vejam-se, por exemplo, os apontamentos de Boyancé (1963, p. 17-23), de Pizzani (1984, p. 173-175) e de Sedley (1998, p. 1-2).

¹⁶ Sem entrar na discussão a respeito da recepção das cartas durante a vida do autor, tendo em vista que algumas podem ter circulado mais amplamente e podem mesmo ter sido projetadas para uma leitura mais ampla, vale dizer que, na coleção de cartas que possuímos, não se faz qualquer outra menção aos *Lucreti poemata*.

As personagens que em seus diálogos expõem o epicurismo são caracterizadas dessa forma.¹⁷

O silêncio de Cícero já deu azo a muitas hipóteses.¹⁸ Em geral, conjecturar é tudo que se pode fazer a respeito do silêncio de um autor antigo. Nosso propósito não é tentar explicar esse silêncio, o que é uma tarefa de resultado necessariamente limitado e precário. É claro que as hipóteses são importantes, porque, desde que possam ser rechaçadas, abrem espaço para um conhecimento mais seguro. No atual estado das coisas, no entanto, é muito difícil que qualquer hipótese possa ser comprovada de modo categórico. Por outro lado, pode ser extremamente proveitoso investigar os pontos de contato entre as obras desses dois autores, tão fundamentais na consolidação de uma tradição filosófica em latim, para tentar extrair do confronto entre os textos aquelas que poderiam ser as linhas gerais do movimento de recepção da filosofia grega na Roma do século I a.C. Trata-se de um período de inserção da filosofia na literatura romana, marcado por polêmicas, condicionadas, aliás, por um traço fundamental da experiência antiga: a adesão do autor a uma corrente filosófica. Nesse contexto de polêmica entre as escolas, é importante observar que os autores se colocam, cada um a seu modo, na condição de pioneiro no tratamento da filosofia em latim.

Foi levando em conta, portanto, esse plano mais geral, que selecionamos uma questão mais particular. O que pretendemos abordar neste artigo é o modo como esses autores discutem sobre o uso do latim no tratamento da filosofia, questão que ambos levantam, uma vez que reclamam, cada um a sua maneira, o referido pioneirismo.

A EGESTAS DA LÍNGUA LATINA NO POEMA DE LUCRÉCIO

O *De rerum natura* é um *epos*, um poema composto em hexâmetros, em que se expressa um “eu” (vamos chamá-lo *magister*), que se dirige a um “tu” (o *discipulus*), com a proposta de ensino de determinada matéria.

¹⁷ Sedley (1998, p. 62-93) destaca o “fundamentalismo” de Lucrécio e defende a ideia de que o autor do *De rerum natura* trabalhou sem levar em conta a obra ou a atividade de qualquer expoente do epicurismo posterior a Epicuro. Teria seguido sobretudo um estudo direto da obra do grego, em especial do seu *Sobre a natureza*, de que conhecemos apenas alguns fragmentos. Em que pese essa suposta autonomia, não se pode negar ao *magister* um conhecimento das artes liberais, um apreço pela poesia (o que, segundo alguns, entraria mesmo em conflito com a ortodoxia epicurista), que se pode também verificar como traço compositivo nos expositores ciceronianos do epicurismo, como Torquato ou Veleio. É notável, além do mais, que essa peculiar conciliação entre epicurismo e artes liberais se observe também em indivíduos históricos, como o filósofo Filodemo e seu patrono romano, Pisão.

¹⁸ Ver Boyancé, 1963, p. 25-26 e Pizzani, 1982, p. 176-178.

Insere-se de modo perfeito no modelo teórico formulado por Katharina Volk para o gênero da poesia didática, por expressar explícita intenção didática, construir textualmente uma “constelação professor/discípulo”, manifestar autoconsciência poética e operar o que ela chama de simultaneidade poética, isto é, apresentar-se como um canto que se desenvolve no presente mesmo da situação de ensino (Volk, 2002, p. 36-40). O poema é formado por seis cantos. Veio a público em meados da década de 50 a.C., provavelmente em 54 a.C. A data de sua publicação corresponderia de modo geral, então, àquele primeiro período de composição filosófica de Cícero. O poema traz uma exposição da física de Epicuro, filósofo grego do século III a.C., claramente comprometida também com a dimensão moral do pensamento desse filósofo. Na chamada doutrina do Jardim, investigar a física, conhecer a natureza das coisas e a natureza humana, traz benefício. Garante ao homem a felicidade, que consistiria em um estado de privação de toda dor física e de todo sofrimento anímico. Permite o estabelecimento desse estado porque afasta os medos infundados que inquietam os humanos: aqueles temores que experimentamos, por exemplo, ao julgarmos que os deuses interferem no mundo, ou ao refletirmos, angustiados, sobre nossa condição depois da morte.

Ao longo do poema, o *magister* apresenta-se, em mais de uma passagem, como uma espécie de pioneiro. Em uma passagem do final do canto I (que reaparece, com alguma variação, como prelúdio do canto IV), esse apaixonado expositor de Epicuro expressa seu desejo de glória (*laudis spes magna*, DRN I, 923), destacando a novidade da sua empresa poética. O professor, tocado por um prazeroso amor (*suaue... amorem*, DRN I, 924) que emana das Musas, percorre as regiões intocadas das Piérides, isto é, faz novo tipo de poesia. Bebe de fontes nunca hauridas, colhe flores novas e almeja, com isso, ser coroado com uma guirlanda que ainda não foi oferecida pelas Musas a nenhum outro. Seu mérito estaria, por um lado, na importância da matéria de que trata: *primum quod magnis doceo de rebus...* (DRN I, 931). Se a matéria é grande, é justamente porque o ensino livra os homens da ameaça da religião. Por outro lado, há mérito também porque, lidando com matéria considerada obscura, o poeta engendra um canto luminoso, tocado pelo encanto poético advindo das musas: *tam lucida pango / carmina* (DRN I, 933-934).

O pioneirismo do *magister*, em outras passagens, no entanto, é ainda mais ressaltado. Ele não consistiria apenas no uso da poesia para tratar de matéria filosófica. No canto V, entre os versos 335 e 337, o professor assevera que a matéria de que trata (*natura haec rerum ratioque*) é uma descoberta recente e declara ser o primeiro a conseguir lidar com ela em latim: *... et hanc primus cum primis ipse repertus / nunc ego sum in patrias qui possim uertere uoces*. Trata-se aqui, portanto, de uma declaração do seu pioneirismo como expositor da física de Epicuro em latim.

Mas o *magister* sugere também o caráter pioneiro do seu trabalho no que diz respeito ao uso da língua latina para o tratamento da matéria filosófica em geral, uma matéria que seria nova para os romanos. É nesse contexto, justamente, que ele enuncia pela primeira vez um problema que, vale dizer, aparecerá ainda em outras duas ocasiões: a *egestas* da língua dos romanos.

A primeira ocorrência da questão (*DRN* I, 136-145) se dá logo depois da abertura do poema. Recordemos o desenho geral desse início. Há primeiramente o célebre hino a Vênus; depois, uma consideração sobre a natureza dos deuses; em seguida, uma exaltação do *Graius homo* que enfrentou os terrores produzidos pela religião tradicional. Mais adiante, ocorre a denúncia dos crimes fomentados pela religião tradicional. O *magister* então se dirige a Mêmio, receoso de que o *discipulus* possa ser afastado da reta doutrina por vates, poetas que inculcarem nele o medo dos suplícios no *post mortem*. Diz que os homens poderiam se livrar desse medo, desde que conhecessem os limites do seu sofrimento, a natureza do corpo e da alma (*DRN* I, 109-110). Diz que pretende ensinar, então, em que consiste a alma, qual o seu destino depois da morte, como se dão os fenômenos celestes (que não têm origem divina), como se dão os sonhos, as visões, as percepções etc. Quando enuncia, então, nesse *syllabus*, a matéria do poema e acena para a organização geral da obra, surge uma preocupação com relação às dificuldades impostas pela língua latina. Apresentamos a seguir uma tradução de *DRN* I, 136-145 e destacamos alguns termos que serão importantes na sequência da discussão.

E não me escapa ao pensamento que é difícil, em versos latinos,
tornar claras (*inlustrare*) dos gregos as obscuras descobertas,
sobretudo porque, para muitas, é necessário utilizar palavras novas
(*nouis uerbis*),

por conta da pobreza da língua e da novidade das coisas;
mas o teu valor – é verdade – e o prazer que espero
de tua doce amizade me persuade e conduz a suportar qualquer agrura
[(*laborem*)]

e a passar em vigília noites serenas buscando
com que expressões e com que canto, enfim, eu possa
estender diante de tua mente vivas luzes (*clara ... lumina*),
por meio das quais possas ver, completa e profundamente, as coisas ocultas.
(LUCRÉCIO, *DRN* I, 136-145)¹⁹

¹⁹ *Nec me animi fallit Graiorum obscura reperta / difficile inlustrare Latinis uersibus esse, / multa nouis uerbis praesertim cum sit agendum / propter egestatem linguae et rerum nouitatem; / sed tua me uirtus tamen et sperata uoluptas / suauis amicitiae quemuis efferre laborem / suadet et inducit noctes uigilare serenas / quaerentem dictis quibus et quo carmine demum / clara tuae possim praepandere lumina menti, / res quibus occultas penitus conuiscere possis.*

Nesse trecho, o *magister* reflete sobre a dificuldade de seu empreendimento, isto é, desse ensino que, no drama construído pelo poema, está se iniciando. A dificuldade se relaciona com a novidade (*propter... rerum nouitatem*) e com a obscuridade da matéria (*Graiorum obscura reperta*). O empreendimento do poeta-professor é expresso por meio do verbo *inlustrare*. É notável o uso do plural *Graiorum* na expressão *Graiorum obscura reperta*, que, como antecipamos, sugere que o pioneirismo de Lucrécio não se dá apenas com relação ao tratamento da doutrina de Epicuro, mas diz respeito às ideias de outros pensadores gregos.²⁰ A tarefa do *magister* consiste, então, em *inlustrare* as ideias gregas desconhecidas do seu interlocutor, mas também do falante de latim em geral, tendo em vista que se faz alusão à *egestas* da língua utilizada pelos romanos. Com respeito ao pensamento de Epicuro, vale ressaltar que esse filósofo pretende explicar o mundo que nós vemos, recorrendo a realidades que não podemos ver, os átomos. Assim pode ser entendida, num sentido bem concreto, a expressão *res occultas*: aquelas coisas que só poderão ser vistas graças às luzes lançadas pela expressão poética do *magister* (Schrijvers, 1970, p. 41-42). O trecho sugere, além disso, que a novidade da matéria e a pobreza do latim forçariam o uso de neologismos (*nouis uerbis*). O expediente é justificado por uma preocupação que é de ordem social e moral, pois se fundamenta em uma consideração a respeito da constituição de uma amizade com o *discipulus*, pensada como fonte de prazer para o *magister*, mas também para aquele (o que se ajusta bem à concepção epicurista de amizade). Note-se que o propósito moral se reverte também em preocupação pedagógica: buscar expressões, versos, com os quais se possa lançar luz sobre as descobertas, tornar claro o que é obscuro, aquilo que, em última análise, propiciará ao *discipulus* a felicidade.²¹ A *egestas* da língua, portanto, é uma dificuldade que deve ser enfrentada (o que ressalta o empenho do *magister*) com a criação de novas palavras, com a busca de expressões que possam dar conta da matéria. Se a língua é pobre até aqui, Lucrécio sugere que pretende enriquecê-la. Não se trata de uma causa perdida. Se cumpre uma função retórica, como diz Taylor (2020, p. 3),²² não podemos deixar de considerar que toda a argumentação se concilia muito bem com o chamado cálculo do hedonístico, que vemos

²⁰ De fato, o *magister* lida, mesmo se em menor escala e em passos em que faz críticas, com elementos da filosofia natural de autores como Empédocles, Anaxágoras e Heráclito.

²¹ Se pensarmos no processo de ensino que é dramatizado ao longo do poema e levarmos em consideração o que foi dito até aqui pelo *magister*, o que se oferece mais precisamente é a libertação dos temores produzidos pelas concepções tradicionais a respeito dos deuses e do *post mortem*, algo que, é verdade, alçaria o homem a uma condição quase divina, se lembrarmos da exaltação do *Graius homo* de I, 62-79. Uma exposição mais desenvolvida do sumo bem epicurista só aparecerá mais adiante no poema, no proêmio do canto II.

²² Nesse estudo, que lida de modo extenso com a criatividade linguística de Lucrécio, defende-se não apenas que o *tópos* realça o compromisso do *magister* com o ensino, mas favorece

exposto na *Carta a Meneceu* e, algumas décadas depois do poema de Lucrécio, também no primeiro diálogo do *De finibus* de Cícero: às vezes suportamos sofrimentos quando percebemos que, em consequência disso, podemos alcançar prazeres maiores.²³ É graças a um modo de agir regulado por esse cálculo que se constrói, além do mais, o estado de imperturbabilidade, que se adquire com o conhecimento da verdade, mas que se nutre também do convívio com verdadeiros amigos.²⁴ O *magister* diz abrir mão da tranquilidade das noites de sono, para, em vigília, dedicar-se a enriquecer, com expressões e versos, o arsenal do discurso filosófico latino. Faz isso tendo como propósito a amizade e a felicidade de ambos. Destaque-se a expressão *quemuis efferre laborem*, em que *labor*, contrastando com *noctes serenas*, sugere uma nota de inquietação nesse trabalho de buscar expressões adequadas.

Não deixa de ser significativo que essa primeira discussão sobre as dificuldades impostas pela língua, apresentada nesse passo em que o *magister* expõe a intenção de *inlustrare* o pensamento dos gregos com sua poesia, encerre-se com o primeiro uso de uma imagem, que reaparece outras vezes no poema, inclusive com maior desenvolvimento, a qual compara a filosofia de Epicuro, essa disposição em observar e refletir racionalmente sobre a natureza (*naturae species ratioque*), com os raios do sol que iluminam o dia.²⁵ Os terrores, as trevas, inspirados pelo pensamento religioso tradicional, não são dissipados pela luz do sol, mas pela observação da natureza e pela consideração racional a respeito do seu funcionamento, matéria que, pouco conhecida dos romanos, o discurso luminoso do poeta se esforça por tornar clara.²⁶ Na economia geral do poema, vale ainda lembrar o tratamento dado a Epicuro nos primeiros versos do proêmio do canto III. No trecho em questão, numa interpelação direta, que coloca Epicuro na posição de beneficiário de uma espécie de hino, o *magister* trata do fundador da doutrina como um guia (cf. *te sequor*) que, erguendo um claro lume (*lumen*), conduziu-o, afastando-o das trevas, lançando luz (*inlustrans*), além do mais, sobre aquilo que traz benefício à vida

também o reconhecimento, por parte do leitor, dos resultados exitosos alcançados pelo poeta-professor no âmbito linguístico.

²³ Com relação ao cálculo hedonístico, veja-se a *Carta a Meneceu* (Diógenes Laércio X, 129). Em Cícero, o tratamento do argumento se dá em *Fin.* I, 30-33.

²⁴ A importância da amizade no pensamento de Epicuro se faz evidente, por exemplo, a partir da Máxima 27 (Diógenes Laércio X, 148), em que a obtenção da *philia* é considerada o mais importante produto da ação da *sophia* em favor da constituição da felicidade. Uma discussão sobre a fundamentação teórica da amizade no pensamento de Epicuro se encontra no *De finibus* de Cícero: em I, 65-70, no discurso do expositor, Torquato; e em II, 78-85, na refutação da personagem Cícero.

²⁵ Outras ocorrências da imagem se dão em II, 55-61, em III, 87-93 e em VI, 35-41.

²⁶ *DRNI*, 146-148: *hunc igitur terrorem animi tenebrasque necessest / non radii solis neque lucida tela diei / discutiant, sed naturae species ratioque.*

(*commoda uitae*).²⁷ A associação entre as passagens, tornada tão evidente, aliás, por conta da recorrência verbal, aproxima sensivelmente a ação do *magister* daquela exercida pelo seu guia. *Inlustrare* o pensamento de Epicuro, por meio dos recursos poéticos (*clara lumina*), é uma atividade que se mostra em plena harmonia com a *inlustratio* dos bens da vida, empreendida por Epicuro. Por meio da associação entre as imagens, a poesia de Lucrécio surge, então, como uma continuação (inesperada, talvez)²⁸ da obra do mestre do Jardim.²⁹

No final do canto I (*DRN* I, 830-833), ocorre a segunda menção à *egestas* do latim. A argumentação se dá em meio a um movimento de refutação de outras teorias físicas (concorrentes da perspectiva atomística) que pretendem explicar a formação dos corpos. O *magister* trata aqui da *homoeomeria*, atribuída a Anaxágoras.

Agora, devemos examinar também a ‘homeomeria’ de Anaxágoras,
Conforme denominam os gregos e que expressar em nossa língua
Não nos concede a pobreza do idioma dos nossos pais.

E, todavia, a coisa em si é fácil de expor por meio de palavras.

(LUCRÉCIO, *DRN* I, 830-833)³⁰

Nesse trecho, observamos na prática o recurso ao neologismo, que se faz pela simples incorporação de palavra grega ao discurso em latim. É um exemplo prático do argumento que fora exposto no início da passagem anterior. Trata-se de criar palavras novas, que possam dar conta das coisas novas, das obscuras descobertas dos gregos. No presente trecho, está claro que a língua latina não dispõe de um termo que possa dar a entender imediatamente o conceito grego. O *magister* parece sugerir, além do mais, a impossibilidade, devida à pobreza da língua, de se forjar um termo (composto como o grego,

²⁷ *DRN* I, 1-3: *E tenebris tantis tam clarum extollere lumen / qui primus potuisti inlustrans commodam uitae, / te sequor (...)*

²⁸ Muito se discute sobre uma suposta contradição entre o uso da poesia por parte de Lucrécio e as críticas feitas por Epicuro à poesia, à narrativa mitológica, à educação tradicional. Sobre essa questão, veja-se o artigo de Elizabeth Asmis (1995), que reúne e analisa os mais importantes testemunhos a respeito da postura adotada por Epicuro e alguns de seus seguidores com relação à poesia e à educação tradicional.

²⁹ Na verdade, sugere-se mesmo uma superação do trabalho do *magister* com relação ao do fundador da doutrina, tendo em vista que, com sua expressão poética, o *magister* conseguiria tornar claro aquilo que na doutrina de Epicuro seria mais difícil de compreender. Poderíamos considerar que a doutrina do filósofo grego, obscura no que diz respeito à compreensão, é luminosa no que tange a sua capacidade de afastar as trevas dos medos e angústias. Já o canto de Lucrécio, seria luminoso tanto na expressão, por explicar o obscuro, quanto do ponto de vista terapêutico.

³⁰ *Nunc et Anaxagorae scrutemur homoeomerian / quam Grai memorant nec nostra dicere lingua / concedit nobis patrii sermonis egestas, / sed tamen ipsam rem facilest exponere uerbis.*

talvez) que pudesse abarcar o conceito. Se for esse o caso, isto é, considerar que não é possível criar um termo composto que explique o conceito, trata-se de apontar um caráter menos plástico da língua latina, uma deficiência com relação ao grego. A *egestas* poderia indicar, então, uma limitação mais difícil de superar.³¹ Mas o argumento não se detém nesse ponto, tendo em vista que o *magister*, mesmo incorporando o termo grego, defende a possibilidade de expressar com precisão o conceito (*ipsam rem*) por meio de palavras (*uerbis*), assim no plural. Alguns versos mais adiante, o conceito é explicado: trata-se da semelhança das naturezas das partes menores (de um composto) com a qualidade do composto como um todo:

De início, é isso que ele chama a ‘homeomeria’ das coisas:
os ossos, deve-se entender, pensa que se formam de pequeninhos
E diminutos ossos, as carnes, de pequeninhas
E diminutas carnes, o sangue nasce de muitas
Gotas de sangue que entre si se reúnem (...)
(LUCRÉCIO, *DRN* I, 834-839)³²

A ideia é tornada clara, ainda que o latim não possua, e talvez sequer possa forjar, uma palavra que, sozinha, declare o conceito, assim como faz o termo grego. Com relação a isso, vale a pena evocar a argumentação de Sedley (1998, p. 48-50), que observa que, na prática, Lucrécio evita a todo custo a inclusão de termos gregos que façam parte do jargão do epicurismo ou de outras correntes filosóficas. Esse estudioso considera que a inserção da palavra grega *homoeomeria*, que soa como uma monstruosidade em meio às palavras latinas, poderia servir para sugerir o caráter absurdo da teoria, que, além do mais, é explicada por meio de um repetitivo circunlóquio, que acumula termos prosaicos, diminutivos de sabor coloquial, que destacariam a natureza pueril desse pensamento que tenta dar conta da organização do mundo. O termo pomposo, em grego, esconderia um conceito tolo. Seja como for, novamente, portanto, a *egestas* não é vista como causa perdida. É possível enfrentá-la, enriquecendo o léxico com palavras novas, mas também utilizando os recursos

³¹ Barnaby Taylor (2020, p. 5-6) reúne alguns testemunhos de autores antigos que apontam deficiências do latim em comparação ao grego, as quais poderiam constituir impedimentos para se expressar com precisão ideias tomadas de textos gregos. Faz referência, por exemplo, às queixas de Varrão (L. VIII, 58) a respeito da ausência de participios passivos no presente e no futuro e de participios perfeitos ativos. Cumpre lembrar que, como personagem ciceroniana, Varrão é representado como defensor da tese que, contrária à opinião de Cícero, afirma que é irrelevante o trabalho de composição de textos filosóficos em latim (cf. Cic. *Acad.* I, 2).

³² *Principio, rerum quam dicit homoeomerian, / ossa videlicet e paucillis atque minutis / ossibus hic et de paucillis atque minutis / visceribus viscus gigni sanguemque creari / sanguinis inter se multis coeuntibus guttis (...).*

discursivos da língua para explicar conceitos. Além disso, a renovação da discussão sobre a dificuldade realça o esforço e o compromisso do *magister*.

A terceira passagem em que Lucrécio se refere à *egestas* da língua ocorre em III, 258-261. Nessa parte do poema, o *magister* investiga a natureza da alma. O trecho, que traduzimos abaixo, vem logo depois de uma discussão a respeito da composição do *animus*, esse conjunto de sutilíssimos átomos que percorrem todo o corpo do homem. Os versos traduzidos abaixo anunciam, então, o tratamento da união entre os tipos distintos de átomos que formam esse conjunto.

Agora, ardendo por mostrar a razão pela qual esses corpos misturados
Entre si e de que modo, arrançados, tenham seu vigor,
Afasta-me, a contragosto, a pobreza do idioma dos nossos pais;
E, todavia, resumidamente, como puder tratar, eu tratarei.
(LUCRÉCIO, *DRN* III, 258-261)³³

Conforme já apontou Farrell, essa passagem guarda semelhanças sintáticas e lexicais significativas com o trecho I, 830-833 (Farrell, 2004, p. 42-43). A semelhança estrutural parece indicar que o autor tem um plano muito bem definido para o tratamento do tema da *egestas*. Mas aqui a pobreza da língua surge como um possível empecilho para a abordagem de uma questão importante, já não oriunda de uma doutrina rival, mas pertencente ao pensamento de Epicuro. A *egestas* é vista como uma limitação, que se coloca contra o ímpeto, o desejo de explicar do *magister*. Registre-se, aliás, esse outro traço de inquietude do professor. É Boyancé (1963, p. 4) quem diz que, ao contrário de Epicuro, que ensina a doutrina a partir da perspectiva de quem já alcançou a serenidade, Lucrécio parece antes tomado pelo ímpeto e o sentido de urgência de quem busca apaixonadamente a serenidade. Schrijvers (1970, p. 10-14), por sua vez, critica a postura do autor de *Lucrèce et l'épicurisme*, a quem acusa de fazer leitura biografista e psicologizante. Ora, de fato, trata-se de juízo que não se pode fazer sobre o autor empírico, em última instância inacessível. Mas a observação de Boyancé, mesmo se fosse aplicada a esse constructo textual que é o eu-professor, mereceria alguma ressalva. Não se trata exatamente, a nosso ver, de uma inquietação de quem busca a serenidade. Com relação a esse traço do *magister*, recordemos sua disposição em sacrificar a tranquilidade das noites de sono, para buscar meios, palavras, que permitissem a efetivação do poema e do ensino. É antes, portanto, a inquietação de quem busca a todo custo transmitir com clareza o pensamento de Epicuro. Ora, essa

³³ *Nunc ea quo pacto inter sese mixta quibusque / compta modis uigeant rationem reddere auentem / abstrahit inuitum patrii sermonis egestas; / sed tamen, ut potero summatim attingere, tangam.*

postura ressalta, justamente, o compromisso social do *magister*. É, em alguma medida, a expressão de um sacrifício pessoal em favor do discípulo.

Uma abordagem prudente do trecho III, 258-261 passa, de todo modo, por uma consideração cuidadosa do sentido do verso 261, aquele em que o *magister* expressa sua reação, digamos assim, às limitações impostas pela língua: *sed tamen, ut potero summatim attingere, tangam*. Há certa hesitação, entre os editores e tradutores, no que diz respeito à oração introduzida por *ut*. Vale dizer que é muito mais frequente a opção de leitura que entrevê na oração uma ideia de concessão, com o que se chega à seguinte ideia geral: “é, contudo, ainda que puder abordar resumidamente, abordarei”. Se for esse o sentido, a pobreza da língua seria um empecilho para a efetivação de um tratamento mais extenso do problema da composição da alma. A *egestas* não estancaria completamente o impulso do professor, mas talvez o condicionaria a tratar de modo menos extenso e aprofundado. Nesse caso, poderíamos apontar certa contradição entre esse trecho e o anterior (I, 834-839), em que se admitia como virtude do latim ao menos a capacidade de expressar com muitas palavras um conceito que em grego se podia entender com uma só palavra. Naquele contexto, era justamente a capacidade de desenvolver um discurso explicativo o que garantia o tratamento adequado do conceito. Aqui, no entanto, embora não se aponte um conceito específico que a língua falhe em enunciar com concisão, a limitação da língua parece frustrar, ao menos parcialmente, o desejo do *magister* de desenvolver um argumento. Nesse sentido, é muito interessante a glosa apresentada por Munro em seu comentário: “*ut potero cet. i. e. tam summatim quam potero tangam*” (MUNRO, 2009, p. 244). Se o editor, em outras passagens do seu comentário, estranhamente se apega ao sentido concessivo, oferece-nos uma outra maneira de interpretar a passagem: “é, contudo, do modo mais resumido que puder abordar, abordarei”. Nesse caso, o desejo do *magister* seria, não o de se alongar, mas o de lidar de modo breve com a questão³⁴, coisa que a condição do *sermo patrius*, pouco utilizado até aqui para o tratamento da matéria filosófica, talvez não permita. Essa interpretação, que é menos recorrente nas traduções consultadas, dirime qualquer sombra de contradição entre esse trecho e o que foi analisado anteriormente. Ora, uma língua mais preparada para a argumentação filosófica demandaria menos esforço do expositor e, do ponto de vista da extensão, menos circunlóquios, menos perífrases explicativas.

³⁴ Vale dizer que um desejo de brevidade se encontra, ao menos sugerido, em uma significativa passagem do poema: I, 410-417. Nesse trecho, temendo a resistência e a preguiça do *discipulus*, o *magister* o ameaça com uma hiperbólica profusão de argumentos, que seriam expressos até que a velhice se apoderasse dos dois. Ora, se por um lado a hipérbole aponta para a veracidade do ponto explicado, que poderia ser provado com um número absurdo de argumentos, por outro, parece sugerir o desejo do professor de avançar de modo mais rápido, desde que haja condições para isso.

Aqueles que optam pela ideia concessiva tendem a julgar que *summatim* apontaria para uma abordagem mais superficial, decorrente da deficiência da língua. Assim, na primeira opção de interpretação, que pensa a oração como concessiva, o poeta expressaria uma tentativa de superar o problema, ainda que se contentando com uma exposição inferior àquela que poderia fazer um escritor grego. Na outra possibilidade, que entende *ut* como um advérbio de modo que, associado ao verbo *potero*, reforça a ideia do advérbio, *summatim* indicaria antes uma virtude que o poeta pretende acomodar na sua expressão, a despeito da limitação imposta por uma língua que não tem ainda uma tradição estabelecida no tratamento da matéria filosófica.

Seja qual for a melhor opção de leitura para o trecho, essa terceira menção à *egestas* concorre para enfatizar o esforço do professor, que tem de lidar, desde sempre, com uma limitação imposta pela língua (e pelo fato de ser pioneiro). Essa limitação, ele a enfrenta, sem deixar de sopesar potenciais perdas à exposição, porque está engajado com o aprendizado do *discipulus*. Ressalta-se novamente, então, o compromisso social do *magister*, que declara se esforçar em favor do ensino, buscando a melhor exposição possível diante das dificuldades que se apresentam. Ele, que bem poderia estar fechado e protegido em seu templo sereno de sabedoria, para utilizar uma imagem do início do canto II, dedica-se à árdua tarefa de tratar de matéria obscura, lidando com as dificuldades impostas pela língua conforme ele a herdou da tradição (cf. *patrii sermonis*, III, 260), em favor de comunicar a doutrina e, com isso, propiciar a outros a felicidade.

O PIONEIRISMO FILOSÓFICO EM CÍCERO

O tema do pioneirismo no tratamento da matéria filosófica em latim é recorrente nos escritos de Cícero, em especial naqueles produzidos entre 46 e 43 a.C. No âmbito da composição dessas obras, escritas nos seus últimos anos de vida, o autor expõe um propósito de lidar com todos os grandes temas da filosofia grega.³⁵ Nesse contexto, escrever filosofia em latim surge, na argumentação de Cícero, como um *munus rei publicae*, um serviço que o autor entende prestar ao bem comum, à associação política que é Roma, e que se relaciona à formação da juventude romana, em um momento em que ele se

³⁵ *Ad reliqua alacri tendebamus animo sic parati, ut, nisi quae causa grauior obstitisset, nullum philosophiae locum esse pateremur, qui non Latinis litteris inlustratus pateret*, isto é, “ao que restava, nós nos dirigíamos com ardor, com tal disposição de ânimo, que, se nenhuma causa mais grave se tivesse apresentado como obstáculo, não deixaríamos remanescer um tópico sequer de filosofia que, abrilhantado em letras latinas, não se tornasse acessível” (CÍCERO, *De diuinatione* II, 4).

encontra, a contragosto, afastado da atuação direta na arena política por conta do regime de César.³⁶

Destaque-se, em primeiro lugar, que Cícero lida com a questão da pobreza da língua latina, mas assume uma posição que polemiza com a daqueles que alegam a inferioridade do latim em relação ao grego. Essa última é apresentada, ademais, como uma opinião amplamente difundida, algo que dominaria o senso comum. Tomemos um exemplo significativo da abordagem dessa questão, que aparece no início do *De finibus*, tratado composto de três diálogos, nos quais se discute a questão do *finis*, do sumo bem, fundamento de todas as ações humanas. No primeiro prefácio, em que dialoga com o destinatário, Bruto, Cícero, ao apresentar a obra, antecipa-se a algumas críticas que prevê e que estão claramente relacionadas com o caráter pioneiro de seu trabalho.³⁷ Dentre essas, estão as daqueles “que dizem menosprezar os escritos em latim”.³⁸ São, na opinião do autor, os críticos mais difíceis de satisfazer.

Este não é, absolutamente, lugar para demonstrar, mas penso desta forma e muitas vezes argumentei a respeito: a língua latina não só não é pobre, como de ordinário consideram, mas é ainda mais rica que a grega. Quando, com efeito, pelo menos depois que houve um modelo a que imitássemos, faltou a nós, ou, melhor dizendo, aos bons oradores e poetas, algum ornato para um discurso copioso ou elegante? (CÍCERO, *Fin.* I, 10)³⁹

Essa asserção, que, como declara o autor, carece de uma demonstração rigorosa, encontra-se no final de uma argumentação que tenta justificar o uso do latim por meio de uma comparação entre o projeto filosófico do autor e aquilo que ele julga ter sido realizado pelos poetas latinos da epopeia e do drama, como Ênio e Pacúvio. Cícero observa que esses poetas, tendo reelaborado poemas gregos em textos latinos, nos quais nada se perderia com relação aos modelos, não deixam de ser lidos pelos romanos. O autor destaca, então, o caráter mais importante, mais grave, da matéria filosófica, razão para que sua obra seja acolhida ainda mais favoravelmente do que a dos

³⁶ Cf. Cic. *Div.* II, 1; 4-5.

³⁷ O caráter pioneiro do trabalho que desenvolve é destacado por Cícero desde a primeira frase do texto: *Non eram nescius, Brute, cum, quae summis ingeniis exquisitaque doctrina philosophi Graeco sermone tractauissent ea Latinis litteris mandaremus, fore ut hic noster labor in uarias reprehensiones incurreret*, isto é: “eu não ignorava, Bruto, que, ao confiar às letras latinas assuntos de que haviam tratado, no idioma grego, os filósofos de mais sublimes engenhos e de requintada doutrina, este nosso trabalho ficaria sujeito a diversas críticas” (CÍCERO, *Fin.* I, 1).

³⁸ (...) *qui se Latina scripta dicunt contemnere* (CÍCERO, *Fin.* I, 4).

³⁹ *Non est omnino hic docendi locus; sed ita sentio et saepe disserui, Latinam linguam non modo <non> inopem, ut uulgo putarent, sed locupletiore etiam esse quam Graecam. Quando enim nobis, uel dicam aut oratoribus bonis aut poetis, postea quidem quam fuit quem imitarentur, ullus orationis uel copiosae uel elegantis ornatus defuit?*

poetas. Enfatizando que a educação dos romanos tem de levar em conta o conhecimento também da literatura produzida em latim, Cícero acena para outro traço da alegada superioridade do seu trabalho. Diferentemente dos poetas, ele não se vê como simples *interpretes*. No contexto, está claro que o termo designa o trabalho realizado por alguns poetas dramáticos, que elaboram traduções, ou adaptações, de peças gregas. Ao negar ser mero tradutor, aliás, o autor apresenta seu trabalho a partir da perspectiva acadêmica em que se insere. Destaca que leva em consideração as obras daqueles que aprova, mas submete ao pensamento dos autores de que trata o seu *iudicium* e dispõe os argumentos segundo uma organização própria, quer dizer, de acordo com um propósito argumentativo que é seu.⁴⁰ Trata-se de uma sutil defesa da autonomia que lhe é garantida, segundo pensa, pela escola filosófica a que se liga, a Academia.⁴¹

Por fim, em uma passagem em que o autor enfatiza a importância política e pedagógica de seu projeto, o uso da língua latina é sustentado por uma preocupação que consiste em tornar acessível a filosofia mesmo a quem não se serve do grego.

Eu, de minha parte, uma vez que em meio às ações, aos esforços, aos riscos da vida pública, não me parece que tenha abandonado o posto em que fui colocado pelo povo romano, devo, sem dúvida, quanto mais puder, nisto também me esforçar: que, com o meu trabalho, dedicação e esforço, tornem-se mais instruídos meus concidadãos. E não digladiar de tal modo com esses que preferem ler os textos gregos (contanto que leiam, que não finjam), mas sim servir aos que assim queiram se utilizar de ambas as línguas, ou, se só possuem a sua própria, não sintam tanta falta daquela (CÍCERO, *Fin.* I, 10).⁴²

Para a nossa investigação, que considera o tema do pioneirismo no tratamento da filosofia em latim como ponto de contato entre as obras de Lucrécio e Cícero, é muito significativo que o projeto de Cícero se apresente, às vezes, como uma espécie de reação, preocupada com a rápida e ampla difusão

⁴⁰ *Sed tuemur ea quae dicta sunt ab iis quos probamus eisque nostrum iudicium et nostrum scribendi ordinem adiungimus* (CÍCERO, *Fin.* I, 6).

⁴¹ No contexto, um contraste se estabelece entre a ação de Cícero e o modo como trata das literaturas estoica e epicurista. Quando se refere a essas doutrinas, Cícero apresenta linhagens de autores e enfatiza o modo como um autor retoma o trabalho dos anteriores (cf. *Fin.* I, 6). Quando se refere a Platão e Aristóteles, representantes do que Cícero entende como tradição acadêmica (numa concepção ampla que é recorrente em seu pensamento), ele reitera o fato de que não faz mera tradução, muito embora se possa servir aqui e ali de textos de Platão, Aristóteles, Teofrasto (cf. *Fin.* I, 7).

⁴² *Ego uero, quoniam forensibus operis, laboribus, periculis non deseruisse mihi uidear praesidium in quo a populo Romano locatus sum, debeo profecto, quantumcumque possum, in eo quoque elaborare ut sint opera, studio, labore meo doctiores ciues mei, nec cum istis tantopere pugnare qui Graeca legere malint, modo legant illa ipsa, ne simulent, et iis seruire qui uel utrisque litteris uti uelint uel, si suas habent, illas non magnopere desiderent.*

de uma literatura epicurista que toma a Itália e se insinua mesmo entre os bárbaros.⁴³ Vejamos um trecho muito significativo das *Tusculanae disputationes*, obra composta pouco depois do *De finibus*, no final de 45 a.C. Eu chamo atenção para alguns termos utilizados pelo autor nessa defesa de sua atividade literária, por serem termos que encontramos, em contexto semelhante, em uma passagem há pouco estudada do poema de Lucrécio.

A filosofia esteve desprezada até esta geração e não recebeu nenhum lume (*lumen*) das letras latinas; nós devemos lhe conferir brilho (*illustranda*) e colocá-la em movimento, de modo que, se em nossas ocupações servimos a nossos concidadãos, sirvamos ainda, se pudermos, em nosso ócio. Nessa tarefa, tanto mais nós devemos empregar nosso esforço (*elaborandum*), pelo fato de que muitos já são – é o que dizem – os livros latinos escritos de maneira inconsiderada por homens excelentes, sem dúvida, mas não instruídos o bastante (CÍCERO, *Tusc.* I, 5-6).⁴⁴

O cruzamento desse texto com outras passagens torna patente que esses autores, cujas obras tornam necessário e urgente o esforço de Cícero, são epicuristas da península itálica, os já mencionados Amafinio e Rabírio, nomeados em outros passos, sempre como alvo das críticas de Cícero.⁴⁵ Destaque-se que a operação que Cícero pretende realizar consiste em *illustrare* a filosofia⁴⁶ por meio dos *lumina* da língua latina, dos quais os textos carecem até então. Complexa teia de ideias, que concilia a capacidade expressiva da língua (referida por meio de um termo que é do jargão da retórica: *lumen*)⁴⁷

⁴³ CÍCERO, *Tusculanae disputationes* IV, 7: *Post Amafinium autem multi eiusdem aemuli rationis multa cum scripsissent, Italiam totam occupauerunt* / “Depois de Amafinio, então, muitos êmulos, seguidores do mesmo sistema, tendo escrito muita coisa, ocuparam toda a Itália”. Vale dizer que existe um debate entre os estudiosos quanto a reconhecer como epicuristas aqueles homens, mais comprometidos com a quietude e o prazer do que com a virtude, que são criticados no início do *De re publica*, obra cuja composição se deu entre 54 e 51 a.C. Se for de fato um ataque contra os epicuristas, a preocupação com essa filosofia pode ter ocupado, já desde muito cedo, um lugar central nas motivações por trás da produção filosófica de Cícero.

⁴⁴ *Philosophia iacuit usque ad hanc aetatem nec ullum habuit lumen litterarum Latinarum; quae inlustranda et excitanda nobis est, ut, si occupati profuimus aliquid ciuibus nostris, prosimus etiam, si possumus, otiosi. in quo eo magis nobis est elaborandum, quod multi iam esse libri Latini dicuntur scripti inconsiderate ab optimis illis quidem uiris, sed non satis eruditis.*

⁴⁵ Por exemplo, em *Tusc.* IV, 6 e em *Acad.* I, 2.

⁴⁶ O verbo ocorre em contexto semelhante em outras obras suas, como no *De diuinatione*, de 44 a.C., numa passagem em que o autor expõe o projeto, colocado em prática até ali, de abarcar de modo amplo diversos tópicos da filosofia grega. Cf. *Div.* II, 4, trecho citado anteriormente.

⁴⁷ Vale notar que Cícero se serviu de *illustratio*, ao lado de *euidencia*, também para traduzir o que os gregos chamavam *enérgeia*, virtude do discurso que consiste em criar a impressão de que aquilo de que se fala ocorre diante dos olhos de quem ouve. Já *lumen* pode servir, em uso mais vago, para designar o brilho da *eloquentia*, que manifesta o *ingenium* especial de alguém; por outro lado, o termo é utilizado também, ao lado de *flos*, para tratar dos *schemata*, isto é, das figuras de palavras e pensamentos (cf. Cic. *Brutus*, 66 e 275).

e o propósito explicativo (sugerido pela associação tradicional entre luz e conhecimento), mas que traz também uma dimensão social e política. Ora, *illustrare* nesta passagem aponta muito claramente para o reposicionamento pretendido para a filosofia, que, antes prostrada e abandonada (*cf. iacuit*), e agora reavivada em latim, poderia passar a ocupar um lugar de prestígio no âmbito da cidade.⁴⁸

Esse novo lugar que a filosofia poderá ocupar na cidade se relaciona, evidentemente, com o peso que têm os temas de que ela trata, tanto na esfera individual, quanto na esfera coletiva. Por motivos práticos, não pretendemos desenvolver aqui esse tema, que é, ademais, tão fecundo. Cumpre assinalar, no entanto, que a mudança de estatuto só é possível porque a discussão filosófica agora pode se dar em latim, o que a torna acessível a todo conjunto dos homens romanos letrados. Nesse sentido, vale recordar o comentário feito pela personagem Cícero à exposição do pensamento estoico empreendida por Catão no segundo diálogo do *De finibus*, em que se concedia a *ciuitas* romana à *philosophia*, esse saber importado da Grécia, justamente porque ela conseguiu, graças ao expositor, expressar-se em latim: *mihi uideris Latine docere philosophiam*.

É hora, então, de retornar a esse diálogo, de que tratamos no início do artigo. É, sem dúvida, o texto de Cícero em que a discussão sobre a aptidão da língua latina para o tratamento de matéria filosófica se apresenta de modo mais técnico. Nele encontramos uma reflexão sobre as possibilidades de tradução do jargão filosófico que o latim oferece. Trata-se, como dissemos, do diálogo estoico. E a *persona* do autor se mostra desde o início muito consciente do caráter especialmente difícil da expressão dessa corrente filosófica e, por isso, preocupado com a tarefa de representá-la adequadamente em latim. Ainda no prefácio, em que interpela Bruto, o destinatário do tratado, a *persona* do autor chama a atenção para o tipo de expressão dos estoicos, excessivamente sutil, para não dizer espinhoso.⁴⁹ Diz, então, que o problema é ainda maior para os romanos, que, novíços em filosofia, têm inclusive de engendrar novas palavras,

⁴⁸ Mesmo levando em consideração a associação que os autores do período clássico estabelecem entre *illustratio* e *lux*, a relação etimológica é objeto de debate. De acordo com De Vaan (2008, p. 354-356), a explicação etimológica dos antigos é acertada. Por outro lado, segundo Ernout & Meillet (2001, p. 371-372), *illustrare* se liga etimologicamente a *lustrum*, um ritual de purificação, que envolvia um movimento circular em torno do objeto a ser purificado. O sentido de “iluminar” é secundário e pode derivar de expressões como *lustrare flammis*. O uso do termo *illustratio* nesta passagem de Cícero, em que se sente forte peso político-social, poderia evocar justamente a dimensão social de rituais como aquele que ocorria, a cada cinco anos, no censo. Trata-se de um terreno que não parece ter sido explorado até aqui pelos estudiosos.

⁴⁹ CÍCERO, *Fin.* III, 3: *Stoicorum autem non ignoras quam sit subtile uel spinosum potius disserendi genus*.

que possam ser aplicadas às novas realidades.⁵⁰ Nesse ponto, Cícero passa a refletir sobre a linguagem especial que toda arte possui, desde que não se preste ao uso de todos. No jargão de uma arte como essa, há muitas palavras novas, diferentes das usuais, que se aplicam àquelas coisas sobre as quais a arte versa, algo que se dá mesmo entre os gregos. Ocorre em artes como a dos dialéticos, dos físicos, dos músicos, dos gramáticos, dos rétores. Todos esses falam de um modo que é próprio (*more quodam loquuntur suo*, *Fin.* III, 3), diferente da linguagem ordinária. Logo depois de afirmar que, dentre os filósofos, foram os estoicos os que mais inovaram e que seu fundador, Zenão, foi mais um inventor de novas palavras, do que um inventor de conceitos, Cícero evoca o tema da pobreza da língua:

Pois, se nessa língua, que a maioria considera a mais fecunda, concedeu-se, na Grécia, que os mais doutos homens a respeito de coisas não triviais usassem palavras inusitadas, quanto mais não se deve conceder a nós que, agora, primeiramente, delas ousamos tratar? E uma vez que muitas vezes dissemos, e com alguma queixa, sem dúvida, não apenas da parte dos gregos, mas também daqueles que querem ser tidos mais por gregos do que por gente nossa: nós não apenas não somos vencidos pelos gregos em abundância de palavras, mas somos mesmo superiores nessa característica; devemos nos esforçar para que não só em nossas artes, mas inclusive nas deles próprios, nós efetivemos essa superioridade. Ainda que essas palavras, que por convenção dos antigos usamos em lugar de palavras latinas, como a própria palavra “filosofia”, como “retórica”, “dialética”, “gramática”, “geometria”, “música”, ainda que essas palavras pudessem ter sido expressas em latim, uma vez que foram acolhidas pelo uso, consideremos como nossas (CÍCERO, *Fin.* III, 5).⁵¹

Novamente encontramos aqui, tratado como opinião difundida, o tema da inferioridade da língua latina em comparação com o grego. Com relação aos romanos que defendem tal ideia, atribui-se um filelenismo exagerado, uma afetação de quererem se passar por gregos, numa construção em que se denuncia o pouco apreço que têm pela cultura doméstica. A defesa da riqueza lexical do latim, por outro lado, aparece como uma causa que tem sido sustentada frequentemente por Cícero. Quanto ao ponto discutido, vale

⁵⁰ CÍCERO, *Fin.* III, 3: *idque cum Graecis tum magis nobis, quibus etiam uerba parienda sunt inponendaque noua rebus nouis nomina.*

⁵¹ *Quodsi in ea lingua, quam plerique uberiorem putant, concessum a Graecia est ut doctissimi homines de rebus non peruagatis inusitatis uerbis uterentur, quanto id nobis magis est concedendum, qui ea nunc primum audemus attingere? et quoniam saepe diximus, et quidem cum aliqua querela non Graecorum modo, sed eorum etiam, qui se Graecos magis quam nostros haberi uolunt, nos non modo non uinci a Graecis uerborum copia, sed esse in ea etiam superiores, elaborandum est ut hoc non in nostris solum artibus, sed etiam in illorum ipsorum adsequamur. quamquam ea uerba, quibus instituto ueterum utimur pro Latinis, ut ipsa philosophia, ut rhetorica, dialectica, grammatica, geometria, musica, quamquam Latine ea dici poterant, tamen, quoniam usu percepta sunt, nostra ducamus.*

observar que, tendo começado a argumentação refletindo sobre a linguagem especial das artes, Cícero evoca justamente a experiência grega como exemplo: também eles precisaram se servir de palavras pouco usuais, por tratarem de questões que não eram do domínio comum, mas próprias das artes que eles cultivaram. Ora, mesmo os mais devotados à cultura grega deveriam aceitar que também os romanos recorram a palavras pouco usuais, tendo em vista que só agora estão começando a tratar dessas questões, alheias ao senso comum, de que já se ocuparam os gregos.⁵²

Além disso, o uso de neologismos, formados a partir da importação e simples transliteração de termos gregos, é defendido, ao ser apresentado como uma prática fundamentada na tradição romana (cf. *instituto ueterum*). Palavras como *philosophia* ou *rhetorica*, consagradas pelo uso dos falantes da língua (cf. *usu percepta sunt*), já não são palavras estrangeiras, mas latinas (cf. *nostra ducamus*), que enriquecem o léxico.⁵³

Logo depois dessas considerações iniciais, a *persona* do autor estabelece a cena do diálogo: ele se dá no interior de uma vasta biblioteca, em uma *uilla* de Túsculo, que é propriedade da família dos *Luculli*. Cícero, que fora até lá na esperança de consultar textos da tradição aristotélica, encontra Catão sentado, rodeado por uma imensa quantidade de livros estoicos. Adequado enquadramento para o tratamento da difícil matéria: os interlocutores vão discutir sentados, tendo à disposição um rico acervo de livros. Depois de uma conversa preliminar, que lida com a preocupação de ambos com relação à educação do jovem herdeiro da biblioteca, desenvolve-se uma discussão a respeito do conceito estoico de *honestum*. Dá-se, assim, a ocasião para uma exposição do pensamento moral dos estoicos, que será realizada por Catão. É justamente antes do início da exposição que o autor abre novo espaço para o tratamento da aptidão da língua latina, dando destaque agora para as estratégias de tradução dos conceitos gregos.⁵⁴

⁵² Note-se o uso do verbo *attingere* nesse contexto de polêmica a respeito das potencialidades do latim, em que se destaca o pioneirismo do autor no tratamento da filosofia. É o mesmo verbo usado por Lucrécio na terceira ocorrência do tema da *egestas* (*DRN* III, 261).

⁵³ É possível perceber uma repreensão à ação dos antigos. A concessão *quamquam Latine ea dici poterant*, aponta para o fato de que talvez tenha faltado aos antigos o mesmo empenho que agora Cícero demonstra em favor de encontrar palavras latinas que pudessem dar conta dos nomes das disciplinas. Nesse sentido, vale a pena notar também que Lucrécio, lidando com aquilo que, em seu tempo, mesmo os romanos chamavam *physica*, não se serve da palavra grega em nenhuma parte do seu poema, preferindo as expressões *rerum natura* e *naturae species ratioque*. Essa última é tradução mais específica do termo preferido por Epicuro: *physiologia* (Sedley, 1998, p. 37).

⁵⁴ Uma discussão a respeito do uso da teoria sobre a tradução na argumentação que refuta o pensamento moral estoico pode ser encontrada em Lima (2014).

Catão começa a exposição reconhecendo o caráter difícil e mesmo obscuro da *ratio Stoicorum*. A dificuldade é associada à terminologia. Diz que os termos técnicos, introduzidos outrora por Zenão para tratar de coisas novas, pareceram, então, novidades, mas o uso corrente os teria tornado comuns em grego. Sugere, então, que o mesmo acontecerá com os termos que eventualmente precise forjar em latim. É quando intervém a personagem Cícero, que – vale recordar – é também o narrador do diálogo:

Isso certamente não apresenta a menor dificuldade – disse eu. Pois se foi permitido a Zenão, porque tivesse inventado alguma coisa inusitada, inaudito nome também atribuir a essa coisa, por que não seria permitido a Catão? Nem será necessário, no entanto, verter palavra por palavra⁵⁵, como costumam os tradutores sem arte⁵⁶, quando houver uma palavra mais usual que declare o mesmo. Quanto a mim, costumo até mesmo, se de outro modo não posso, expressar com muitas palavras aquilo que era expresso, em grego, com uma só. E, todavia, julgo que se nos deve conceder utilizarmos palavra grega, no caso de não se apresentar uma latina, e que isso não se conceda mais para ‘*ephippia*’ e ‘*acratophóra*’ do que para ‘*proegmena*’ e ‘*apoproegmena*’; muito embora quanto a estas últimas, será possível dizer, corretamente, ‘preferíveis’ e ‘rejeitáveis’.

Você faz bem em me ajudar – disse ele [Catão]. E dentre essas palavras ao menos, que acaba de mencionar, vou utilizar de preferência as latinas; com relação a outras, você virá me acudir, caso me veja hesitante (CÍCERO, *Fin.* III, 15-16).⁵⁷

O trecho se inicia com uma concessão ao uso de neologismos, tendo em vista que é retomada a reflexão feita por Catão, que se mostrava preocupado com a novidade da terminologia estoica, já sentida mesmo pelos gregos da época de Zenão, fundador da escola. A menção aos tradutores que vertem palavra por palavra, porém, deixa claro que nem sempre há necessidade da criação de neologismos que sejam decalques de palavras gregas. Sempre que

⁵⁵ No original, *exprimi uerbum e uerbo*. Bem concretamente, “fazer sair de uma palavra uma outra palavra”. Com a expressão, o autor parece indicar a busca por oferecer, para cada palavra, um correspondente perfeito. Para cada palavra do grego, uma única palavra em latim.

⁵⁶ No original, *indiserti interpretes*, isto é, aqueles que vertem sem um método, sem arte. Poderíamos discutir se Cícero apresenta de fato uma *ars* definida, mas o fato é que está justamente aqui discutindo teoricamente a tradução. O tipo de tradução que defende, ademais, se ajusta a seu projeto educacional. Tendo em vista a associação verbal, vale lembrar que, no *Orator*, obra de 46 a.C., o orador *disertus* é aquele que aprendeu os preceitos das *Artes*, mas que não tem formação em filosofia (cf. *Orator*, 13).

⁵⁷ *Facillimum id quidem est, inquam. si enim Zenoni licuit, cum rem aliquam inuenisset inusitatam, inauditum quoque ei rei nomen inponere, cur non liceat Catoni? nec tamen exprimi uerbum e uerbo necesse erit, ut interpretes indiserti solent, cum sit uerbum, quod idem declaret, magis usitatum. equidem soleo etiam quod uno Graeci, si aliter non possum, idem pluribus uerbis exponere. et tamen puto concedi nobis oportere ut Graeco uerbo utamur, si quando minus occurrit Latinum, ne hoc ephippiis et acratophoris potius quam proegmenis et apoproegmenis concedatur; quamquam haec quidem praeposita recte et reiecta dicere licebit. // Bene facis, inquit, quod me adiuuas, et istis quidem, quae modo dixisti, utar potius Latinis, in ceteris subuenies, si me haerentem uidebis.*

puder, o tradutor deve se servir de uma palavra mais usual em seu idioma, para verter um termo da outra língua, desde que a palavra da sua língua declare o mesmo. Cícero não discute teoricamente o que seria “declarar o mesmo”. De todo modo, fica bastante claro que o procedimento tradutório proposto nesses termos expressa uma preocupação muito especial com a língua de chegada, com o seu sistema de signos, cujos valores são constituídos pelo uso. Para o tradutor *disertus*, mais importante do que verter ao pé da letra, eventualmente forjando novos termos, é encontrar correspondentes latinos que permitam, mesmo que sob o risco de trair um traço idiossincrático do conceito original, expressar a ideia do que se discutia em grego, utilizando em latim um termo de uso mais corrente. Além disso, uma vez que se defende o recurso a uma palavra mais usual na língua de chegada, esse tipo de tradução despe o discurso filosófico de seu caráter técnico, para aproximá-lo da linguagem comum de todos os cidadãos. Ora, esse esforço de aproximar o debate filosófico do *usus* latino termina por favorecer que o costume romano, evidentemente mediado pelos propósitos do autor, interprete aquilo que se via discutido em grego. Em alguma medida, tendo em vista a preocupação do autor com relação à tradição literária e retórica em que se insere, é como se o uso latino, esse traço da cultura latina, pudesse assimilar a filosofia por meio de seu próprio sistema simbólico. O propósito parece consistir em tornar possível o debate filosófico entre os romanos em sua própria língua, mas de um modo muito especial: um debate que se desenvolva em meio ao acervo cultural próprio dos romanos, motivado pelas preocupações próprias dos romanos.⁵⁸ É evidente que esse tipo de tradução se ajusta bem ao projeto ciceroniano de constituição de uma filosofia que promova a educação do homem público romano.

É importante reconhecer, além do mais, que a prática tradutória de Cícero exemplifica o que aqui ele apresenta teoricamente. Podemos dizer que esse tipo de expediente é utilizado quando ele se serve de termos como *honestum*, *officium*, *uisum*, *decorum*, *probabile*⁵⁹ e tantos outros.

O procedimento apresentado na sequência, referido por meio do período *soleo etiam quod uno Graeci, si aliter non possum, idem pluribus uerbis exponere*, pode ser interpretado de duas maneiras. Pode indicar o uso de uma perífrase para lidar com aquilo que em grego vinha expresso por uma só palavra. Ora, também esse método se ajusta ao projeto pedagógico do autor: trata-se de uma

⁵⁸ Veja-se a argumentação de Auvray-Assayas (2006, p. 29-41). Essa interpretação se coaduna com o argumento que se apresenta no início do livro II das *Tusculanae disputationes* (obra também de 45 a.C.), em que o autor exorta os romanos a irem até a Grécia, já enfraquecida, e *transfere* a glória da filosofia de lá para Roma, assim como os antepassados (os *maiores*) fizeram, agindo com *industria* e *studium*, com tudo aquilo que lhes pareceu digno de ser almejado, quer dizer, com tudo aquilo que pareceu útil para os romanos (cf. Cic. *Tusc.* II, 5).

⁵⁹ Para traduzir *tò kalón*, *kathēkon*, *phantasia*, *tò prēpon*, e *tò pithanón* respectivamente.

tradução que é, ao mesmo tempo, uma explicação, e de que ele se serve, por exemplo, quando usa expressões como *disserendi ratio* ou *philosophiae pars, quae est quaerendi ac disserendi* para traduzir *logikḗ* e em várias outras ocasiões.⁶⁰ Por outro lado, o período poderia também referir o procedimento que consiste em acumular sinônimos para verter um só termo grego, método que o autor utiliza frequentemente. Faz isso, por exemplo, quando manifesta como que uma hesitação acerca da melhor opção para traduzir, ou então, quando parece tentar tornar o conceito mais acessível por meio de um acúmulo de traduções. É o caso de *finis*, *ultimum*, *extremum*, por exemplo, no prefácio do *De finibus*.⁶¹

Por fim, como última opção, ele consente que o tradutor se sirva, às vezes, de empréstimos gregos, quando não houver um correspondente próximo em latim. É o caso de termos que designam objetos do universo cultural grego, antes desconhecidos, mas agora presentes no mundo romano, como *ephippium* (de *epí*, “sobre” e *híppos*, “cavalo”), uma sela para cavalos, ou *acratoforum* (de *ákratos*, “não misturado”, e *phérō*, “portar”), um vaso utilizado para o vinho puro. Observe-se que esse tipo de tradução é endossado pelo costume dos *ueteres*, que, no passado, trouxeram do grego palavras como *philosophia*, *grammatica*, *musica*, que nomeavam realidades desconhecidas dos romanos. Consagradas pelo uso, passaram a fazer parte do léxico latino.

É, portanto, muito sugestivo o comentário que a personagem faz aos termos *proegména* e *apoproegména*, que, provenientes do jargão estoico (são, ademais, claros representantes da especiosa expressão verbal dos estoicos), recobririam conceitos novos⁶² e, por isso, não contariam com termos correspondentes em latim. Nesse caso, a mera importação dos termos gregos seria aceitável. Não obstante, Cícero parece fazer questão de vertê-los, como que de improviso. Eloquente modo de demonstrar a riqueza da língua latina. Parece sugerir, desse modo, que o bom tradutor, desde que se empenhe, pode encontrar uma solução para verter adequadamente aquilo que, aparentemente, não encontrava nenhum correspondente em latim. O fato de acolher essas traduções permite ao expositor do estoicismo sua pronta utilização. À personagem de Cícero, no entanto, ficam reservados os créditos pela autoria da tradução.⁶³

⁶⁰ Cf. Powell, 1995, p. 293.

⁶¹ Cf. *Fin.* I, 11 e III, 26.

⁶² Cumpre dizer que Cícero não endossa essa tese. Para ele, os conceitos não são novos. Zenão, nesse caso, teria apenas criado novos termos para lidar com ideias que já eram correntes, por exemplo, no pensamento acadêmico.

⁶³ Além disso, com a proposta de tradução, Cícero abre caminho para um importante argumento da refutação do pensamento estoico. Em sua perspectiva, Zenão se serviria de uma linguagem obscura para tratar de ideias que já eram manipuladas pelos acadêmicos e, nesse caso, expressas por termos compreensíveis e, por isso, úteis para a discussão política, por exemplo.

CONCLUSÕES

A questão da pobreza do latim ocupa, como vimos, um lugar importante nas obras desses dois autores que, no cenário cultural da Roma do século I a.C., reclamam para si, cada um a sua maneira, o pioneirismo no tratamento da filosofia em latim. Nos dois autores, o compromisso com a abordagem da matéria filosófica demanda um esforço especial (*labor*) e se reveste de uma preocupação estética, que se exprime por meio de um mesmo verbo, *illustrare*, o qual, no entanto, recobre propósitos sensivelmente diferentes em cada um. Em Lucrécio, o verbo parece servir para destacar os benefícios da expressão poética e, estrategicamente utilizado, termina por aproximar o trabalho do professor-poeta daquele empreendido outrora, em outra língua, em outra cultura, pelo fundador da doutrina. Em Cícero, nos textos examinados aqui,⁶⁴ o cuidado com o discurso filosófico surge como um meio de estabelecer a filosofia como prática relevante no âmbito político, seja como meio de formação do cidadão, seja como arte que forneça meios de argumentação e de ação para o homem público.

É muito interessante, além disso, que nos contextos argumentativos construídos por ambos os autores, a questão se apresente como objeto de um debate que tem significativo alcance social. Em Lucrécio a *egestas*, à primeira vista, parece ganhar ares de verdade incontestável, tendo em vista que o autor repete a ideia três vezes e, mesmo que a utilize em sua argumentação com determinado propósito, não chega a contestá-la declaradamente em nenhuma oportunidade. De todo modo, parece evidente que toda a argumentação desenvolvida pelo autor só tem sentido se levarmos em conta que o leitor visado está pronto a tomar como aceitável a *egestas*, admitindo-a como uma opinião que conta com razoável adesão. É muito sugestivo, então, que, em Cícero, uma suspeita com relação às capacidades da língua surja como uma espécie de opinião de fundo, hegemônica, por vezes endossada por interlocutores nas cenas representadas nos diálogos, como Varrão e Ático, por exemplo. É notável também que muitas vezes o autor tome para si a tarefa de defender a riqueza do latim, deixando claro que se trata de causa frequentemente encampada por ele contra aquilo que ele afirma ser a opinião mais corrente.

Tendo em vista a matéria discutida por ambos, isto é, a filosofia, não é surpreendente que o tratamento das limitações da língua engendre em ambos uma reflexão sobre o modo de lidar com conceitos gregos em latim. Se o

⁶⁴ Por questões práticas, deixamos de lado o tratamento de uma dimensão fundamental do cuidado com o discurso na obra de Cícero. No âmbito da corrente acadêmica a que ele se liga, todo conhecimento humano se fundamenta no *probabile*, que se constitui, justamente, a partir do confronto entre argumentações divergentes. Trata-se do célebre método de *in utramque partem dicere*.

tratamento em Cícero é, talvez, mais sistemático, nos dois autores um arsenal teórico semelhante é mobilizado. Ele passa pela consideração dos neologismos e também das traduções perifrásticas. Em Cícero, formula-se ainda uma clara aversão pelo jargão técnico, uma tese que, por outro lado, já aparecia efetivada na prática poética de Lucrécio.⁶⁵

Aparentemente divergentes, as posturas dos dois autores têm muito em comum. Cícero é mais categórico, não há dúvida. Representa-se como assíduo defensor da riqueza do latim. Muitas vezes, demonstra com exemplos o vigor da língua como prova do argumento que defende. Já Lucrécio, se por um lado não contesta a *egestas*, serve-se do tema em favor da construção do caráter do seu *magister*, que enfrenta as dificuldades impostas pela língua, sacrificando circunstancialmente sua tranquilidade, com vistas a beneficiar o *discipulus* e o leitor em geral. Por outro lado, tanto as vitórias pontuais sobre as limitações da língua (como no caso da *homoemia*), quanto a própria consumação do poema, que é o produto final do esforço do *magister*, parecem destacar a contribuição do autor para a superação do problema enunciado de início. A *egestas* da língua herdada das gerações anteriores não se configura como um entrave para a sua ação. Farrell (2004, p. 50-51), de modo muito perspicaz, recorda que, na doutrina exposta por Lucrécio, a pobreza está longe de ser um mal. Os males reais, tanto as doenças do corpo, quanto as da alma, ademais, acometem pobres e ricos. Riqueza, luxo, poder político, poder militar não afastam as perturbações. É algo que o *magister* deixa muito claro no próêmio do canto II. Por outro lado, a aquisição da felicidade por parte do homem exige justamente que ele consiga lidar com as limitações materiais por meio da moderação dos desejos. Nesse ponto, a doutrina de Epicuro encontra respaldo em um traço bastante enraizado na cultura romana. Ora, a defesa de uma vida frugal diante dos riscos de degeneração que o luxo pode trazer é um tema recorrente na literatura romana, claramente relacionado à moralidade dos mais antigos. Nesse sentido, o recurso ao tema da pobreza poderia mesmo conter certa ironia. A *egestas* poderia ser, afinal, uma vantagem, que propiciaria uma exposição condicionada à simplicidade (e à clareza), em contraposição à verbosidade de autores como Anáxagoras, por exemplo, cuja expressão verbal, pomposa, não daria conta de explicar a realidade.

REFERÊNCIAS

- ASMIS, E. Epicurean poetics. In: OBBINK, D. (ed.) *Philodemus and poetry. Poetic theory and practice in Lucretius, Philodemus and Horace*. Oxford: University Press, 1995.
- AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cicéron*. Paris: Belles-Lettres, 2006.

⁶⁵ Ver Sedley, 1998, p. 48-50.

- BOYANCÉ, P. *Lucrece et l'épicurisme*. Paris: PUF, 1963.
- CICERO. *De diuinatione*. With an English translation by W. A. Falconer. London: Harvard University Press, 1992.
- CICERO. *De finibus bonorum et malorum*. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit L. D. Reynolds. Oxford: University Press, 1998.
- CICERO. *De finibus bonorum et malorum / Über das höchste Gut und das größte Übel*. H. Merklin (Herausgeber, Übersetzer). Stuttgart: Reclam, 1989.
- CICERO. *Epistulae ad Quintum fratrem et Brutum*. Edited by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: University Press, 1980.
- CICERONE. *Opere politiche e filosofiche di M. Tullio Cicerone (I termini estremi del bene e del male, Discussioni tuscolane, Lo stato, Le leggi, I doveri)*. A cura di Nino Marinone. Turin: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1980.
- COLMAN, J. *Lucretius as a theorist of political life*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of eminent philosophers*. With an English translation by R. D. Hicks. London: Harvard University Press, 1991.
- ERNOUT, A; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001 (1932).
- FARRELL, J. *Latin language and Latin literature*. Cambridge: University Press, 2004.
- GALE, M. *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge: University Press, 1994.
- LIMA, S. C. Reflexões sobre a tradução no *De finibus* de Cícero e a refutação do pensamento estoico. *Classica*, v. 27, n. 2, p. 79-94, 2014.
- LUCRÉCIO. *De rerum natura*. John Martin (editor). Leipzig: Teubner, 1953.
- LUCRÉCIO. *Titi Lucreti Cari De rerum natura libri sex*. With a translation and notes. Edited by H. A. J. Munro. Volume 2. Cambridge: University Press, 2009 (1864).
- MICHEL, A. *Rhétorique et philosophie chez Cicéron*. Paris: PUF, 1960.
- PIZZANI, U. Il problema della presenza lucreziana in Cicerone. *Atti del V Colloquium Tullianum* (Roma-Arpinum, 2-4 ottobre 1982), vol. 5, 1984, p. 173-188.
- POWELL, J. G. Cicero's translations from Greek. In: POWELL, J. G. (ed.) *Cicero the philosopher / Twelve papers*. New York: Clarendon, 1995, p. 273-300.
- POWELL, J. G. (ed.) *Cicero the philosopher / Twelve papers*. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995.
- SCHRIJVERS, P. H. *Lucrece. Horror ac divina voluptas. Études sur la poétique et la poésie de Lucrece*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1970.
- SEDLEY, D. *Lucretius and the transformation of Greek wisdom*. Cambridge: University Press, 1998.
- TAYLOR, B. *Lucretius and the language of nature*. Oxford: University Press, 2020.
- VAAN, M. de. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leida; Boston: Brill, 2008.
- VOLK, K. *The poetics of Latin didactic*. Oxford: University Press, 2002.

Recebido: 10/4/2024

Aceito: 15/8/2024

Publicado: 20/8/2024